

A práxis revolucionária de Rosa Luxemburgo

Resenha: VIANA, Nildo. *Rosa Luxemburgo e a Autogestão Social*. Rio de Janeiro: Rizoma, 2013

Gabriel Teles Viana*

O resgate do pensamento de uma revolucionária que, por toda a sua vida, ansiou a coerência da proposição marxista de autoemancipação proletária e o incessante rigor entre os meios para se chegar a um fim revolucionário, já é um fato elogiável. No entanto, o livro “Rosa Luxemburgo e a Autogestão Social”, de Nildo Viana, vai além e nos possibilita refletir sobre a totalidade do pensamento de Rosa Luxemburgo e compreender a inserção de sua obra no contexto onde a intensificação da luta de classes gerou históricos avanços (e no caso do pseudomarxismo e sua prática, retrocessos) sobre a questão da auto-organização da classe trabalhadora e sua teorização. É nesse sentido que o objetivo do livro perpassa as contribuições e limites do pensamento da Rosa Luxemburgo para a teoria da Autogestão Social – que na abordagem de Karl Marx refere-se ao comunismo, ou seja, “livre associação dos produtores” ou “autogovernos dos produtores” (MARX, 2008).

O autor inicia o livro apresentando a importância das reflexões de Rosa Luxemburgo para a luta dos trabalhadores ao longo de sua produção intelectual e política. O período em que Rosa Luxemburgo viveu e produziu, reflete, sem dúvidas, em seu pensamento. A instauração do regime de acumulação intensivo em detrimento ao extensivo (VIANA, 2009) expressa uma nova configuração da luta de classe, onde a organização do trabalho apreende uma conformação científica (taylorismo) possibilitando maior extração de mais-valor relativo, ancorada no Estado liberal-democrático e no imperialismo financeiro. Viana demonstra que

Essas mudanças significam que o movimento operário revolucionário, depois da derrota da Comuna de Paris, foi obliterado e em seu lugar emergiram os partidos políticos, sindicatos e outras instituições, que ganharam proeminência, realizando uma mediação burocrática entre classes exploradas e aparato estatal. É nesse contexto que emergem os partidos socialdemocratas e que Rosa Luxemburgo irá iniciar e realizar sua luta política (p. 15)

É por este motivo que posteriormente o autor vai afirmar que a vida de Rosa Luxemburgo se mescla com o processo de desenvolvimento capitalista e luta de classes, no sentido que, no processo de institucionalização do Partido Socialdemocrata Alemão

* Gabriel Teles Viana é graduando em Ciências Sociais pela UFG, pesquisador do Grupo de Pesquisa Dialética e Sociedade (GPDS) e autor de artigos em revistas de opinião e acadêmicas.

(SPD) e em sua acepção revisionista, Luxemburgo começa a romper com estas alas reformistas em coerência com um dos fundamentos de seu pensamento que irá levar consigo por toda a sua vida: o rigor entre meios e fins. A unidade entre meios e fins, como já dissemos, perpassa por toda a sua obra, no entanto, começa a amadurecer em seu embate teórico com o reformista socialdemocrata alemão Bernstein. A partir de uma revisão da teoria marxista, Bernstein compreende que é exequível a chegada ao socialismo através de reformas graduais e estruturais no capitalismo. No entanto, Rosa Luxemburgo o responde publicando o livro *Reforma ou Revolução?* onde clarifica a sua tese da unidade entre meios e fins, invertendo a fórmula bernsteniana (“o movimento é tudo, o objetivo é nada”): o movimento é nada, o objetivo é tudo.

Ora, o objetivo final do socialismo é o único elemento decisivo na distinção do movimento socialista da democracia burguesa e do radicalismo burguês, o único elemento que, mais do que dar movimento operário a tarefa inútil de substituir o regime capitalista para salvar, trava uma luta de classe contra esse regime, para o destruir; posto isto, a alternativa formulada por Bernstein: ‘reforma social ou revolução’, corresponde para a socialdemocracia a questão: ser ou não ser” (Luxemburgo, 1986, p.24).

Portanto, é fundamental para Rosa Luxemburgo a coerência entre meios e fins.

Impera-se agora compreender quais são os meios adequados propostos por ela para se chegar ao fim almejado, ou seja, o socialismo (portanto, autogestão social). O autor, em capítulo chamado “*Meios: espontaneidade, greves e conselhos operários*” fornecerá os escritos de Luxemburgo onde ela debruça-se sobre a questão dos meios para a realização da revolução proletária. “Se o fim é uma sociedade autogerida pelos próprios trabalhadores, então o meio só pode ser a luta dos trabalhadores” (p. 33). Portanto, Viana demonstra que o eixo fundamental de Rosa Luxemburgo é a autoemancipação proletária para se pensar o objetivo final que é o comunismo. Resgata-se a tese de Marx que a emancipação dos trabalhadores será feita pelos próprios trabalhadores. É por isso que Luxemburgo dará importância para as experiências históricas dos trabalhadores para se compreender o seu potencial revolucionário e a ação política independente de classe do proletariado. O seu entendimento é que a autoatividade dos trabalhadores é um elemento fundamental para o processo revolucionário, expressando o caráter de espontaneidade das lutas. Por consequência, a greve geral terá grande respaldo nas obras de Luxemburgo como um meio autêntico de luta no processo revolucionário.

A sua concepção de greve de massas é resultado da ideia de espontaneidade revolucionária, pois enxerga essa como atividade autônoma das massas e não como algo produzido exteriormente, produto de “espíritos inventivos”. [...] E

foi por se fundamentar na ideia de espontaneidade revolucionária, na autoemancipação do proletariado, que, posteriormente, ela defendeu o governo dos soviets na Rússia e também na Alemanha. (p. 37)

No final de sua vida, houve a emergência dos conselhos operários (soviets). Infelizmente, devida a sua morte precoce, não houve tempo de vê-los florescer e teoriza-los, ficando para os comunistas de conselhos (Pannekoek, Ruhle, etc.) levar adiante a ideia de autoemancipação proletária e reconhecer os conselhos operários como autênticas formas para se pensar a organização do processo revolucionário.

Em outro capítulo, intitulado “*A crítica da socialdemocracia e do bolchevismo*”, Nildo Viana nos fornece a visão crítica de Rosa Luxemburgo ante aquilo que Korsh (2008) chamará de transformação da teoria marxista em ideologia (pseudo)marxista. Se existem meios adequados para almejar a autogestão, há também meios inadequados e ideológicos e que devem ser combatidos. Estes meios, que são o reformismo e o bolchevismo, são alvos de críticas por parte de Rosa Luxemburgo. Ela combaterá frontalmente as teses de Bernstein que acreditava chegar ao socialismo através de reformas sociais ou meios legais; para ele os sindicatos, as reformas sociais e a democratização política do Estado tem papel fundamental nos processos de progresso até o socialismo. No entanto, Luxemburgo demonstra que os sindicatos possuem, no fundo, apenas um papel de negociar o valor de mercadorias e a impossibilidade das reformas sociais como progresso ao socialismo, pois para ela, a base desta ideologia é a ideia de um “[...] desenvolvimento objetivo tanto na propriedade capitalista (que se democratizaria através das cooperativas) quanto do Estado (através de conquistas do parlamentarismo e da socialdemocracia) [...] estaria num estágio incipiente e se desenvolveriam até chegar ao ideal que dele fazia Bernstein” (p. 44). Contudo, esta proposição é inaplicável ao modo de produção capitalista, pois o que ocorre é justamente o contrário e não o desenvolvimento da propriedade que culminaria na apropriação coletiva que transformaria o proprietário em administrador. Além disso, o estado não é neutro, representa determinados interesses da classe dominante; é um estado classista, segundo Rosa Luxemburgo. (LUXEMBURGO, 1986). A crítica ao bolchevismo, que também aplica-se à socialdemocracia, refere-se a questão da burocratização e aquilo que ela chamará de “reino dos chefes”. Como já exposto, Luxemburgo compreende que a emancipação dos trabalhadores é feita pelos próprios trabalhadores, portanto não são intelectuais ou “chefes” que irão dirigir o processo revolucionário, mas sim os próprios trabalhadores. É por este motivo que Rosa Luxemburgo vai entrar em um debate polêmico com Lênin devido à relação de

dirigentes e dirigido, o que provocaria uma obliteração no movimento real do proletariado. Segundo ela,

Nada poderia submeter mais um movimento operário ainda tão jovem e uma elite de intelectuais ávidos de poder, que essa couraça burocrática que o aprisiona para reduzi-lo a um autômato manejado por um “comitê”. E, pelo contrário contra as manobras oportunistas e as ambições pessoais, não existe garantia mais eficaz que a atividade revolucionária autônoma do proletariado, graças à qual adquire o sentido de suas próprias responsabilidades políticas (LUXEMBURGO apud. VIANA, 2012).

Por fim, no último capítulo, Nildo Viana reflete sobre o significado e o destino da obra de Rosa Luxemburgo. Ele atenta-se para algumas imprecisões no pensamento dela, dando brechas para apropriações indevidas tanto da socialdemocracia quanto pelo bolchevismo e a não percepção do surgimento de uma nova classe social, a burocracia, o que poderia ter complementado e efetivado a crítica ao bolchevismo de forma plena. No entanto, estas observações não ofuscam o valor teórico e o avanço real que Viana fornece ao pensamento de Rosa Luxemburgo para pensar a autogestão social. A contribuição de “*Rosa Luxemburgo e a Autogestão Social*” de Nildo Viana está em compreender a totalidade do pensamento de Rosa Luxemburgo numa perspectiva revolucionária, como um grande aporte para o avanço das lutas dos trabalhadores.

Referências Bibliográficas

KORSCH, Karl. *Marxismo e Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008.

LUXEMBURGO, Rosa. *Reforma ou Revolução?*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, Karl. *A Guerra Civil na França*. In: *A revolução antes da revolução, vol. II*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

VIANA, Nildo. *O capitalismo na era da acumulação integral*. São Paulo: Ideias e Letras, 2009.

VIANA, Nildo. *Rosa Luxemburgo e a Autogestão Social*. Rio de Janeiro: Rizoma, 2013.